

A OBRA CAETÉS DE GRACILIANO RAMOS SOB O OLHAR DA DIALETOLOGIA

THE WORK OF GRACILLIANO RAMOS CAETÉS UNDER THE GAZE OF DIALETOLOGY

Ellem Kyara Pessoa dos SANTOS

Resumo:

Nesta pesquisa analisamos a obra regionalista *Caetés* (2013) do escritor Graciliano Ramos com o intento de discutir a relação eminentemente estreita entre linguagem regional-popular e Dialetoлогия. Nesse viés, nosso estudo está fundamentando na teoria dialetológica com enfoque na variação diatópica. Buscamos, assim, corroborar que é por meio do léxico que conseguimos identificar os aspectos geo-sócio-culturais de uma comunidade linguística. Para tal, ancoramos nosso trabalho nos pressupostos teóricos de Biderman (1978), Câmara Júnior (1965), Cardoso (2016), entre outros. Por fim, podemos afirmar que ao analisar o léxico da obra em estudo, através dos pressupostos da Dialetoлогия, foi possível perceber o quão grandiosa a obra de Graciliano é em regionalismos. Seu estilo literário evidencia a língua falada do povo nordestino, evidencia seus hábitos, costumes, ideologias, bem como, sua cultura.

Palavras-Chave: Dialetoлогия. Léxico regional. Graciliano Ramos. *Caetés*.

Abstract:

In this research we analyzed the regionalist work *Caetés* (2013) of the author Graciliano Ramos with the intention of discussing the eminently close relationship between regional-popular language and Dialectology. In this bias, our study is based on dialectological theory with a focus on diatopic variation. Thus, we seek to corroborate that it is through the lexicon that we can identify the geo-socio-cultural aspects of a linguistic community. To this end, we based our work on the theoretical assumptions of Biderman (1978), Câmara Júnior (1965), Cardoso (2016), among others. Finally, we can say that when analyzing the lexicon of the work under study, through the assumptions of

Dialetology, it was possible to perceive how great Graciliano's work is in regionalisms. His literary style evidences the spoken language of the northeastern people, evidences their habits, customs, ideologies, as well as their culture.

Keywords: *Dialetology. Regional lexicon. Graciliano Ramos. Caetés.*

Introdução

Neste estudo, discutiremos sobre a relação entre linguagem regional-popular e a Dialetologia com o objetivo de analisar a obra *Caetés* (2013) do escritor Graciliano Ramos. Nossa intenção é analisar a linguagem regional utilizada pelo escritor, corroborando que é por meio do léxico que conseguimos identificar os aspectos geo-sócio-culturais de uma dada comunidade linguística. Ademais, propomos selecionar alguns itens lexicais da obra, que sejam identificados como variantes regionais.

É válido ressaltar, ainda, que nossa análise está fundamentada na teoria dialetológica, com enfoque na variação diatópica, para isso, contaremos com o auxílio de alguns dicionários de expressões regionais nordestinas, tais como ALMEIDA (1984) e CABRAL (1982).

Acredita-se que a importância desse estudo se dê pelo fato das relações indissociáveis entre língua, cultura e sociedade. Tais relações são refletidas através do léxico, haja vista que o léxico de uma língua é: “[...] a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”. (BIDERMAN, 1978, p. 139). Logo, não há como negar a heterogeneidade linguística, haja vista que a variação é uma característica comum partilhada a todas as línguas vivas.

1. Graciliano Ramos e *Caetés*: breves considerações

Graciliano Ramos de Oliveira, escritor consagrado pela literatura brasileira, com obras literárias traduzidas em vários idiomas, nasceu em 27 de outubro de 1892, em Quebrângulo, no estado de Alagoas e faleceu em 20 de março de 1953, aos 60 anos, vítima de câncer de pulmão, no Rio de Janeiro.

Suas obras são: *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936), *Vidas secas* (1938), *As Terras dos meninos pelados* (1939), *Brandão entre o mar e o amor* (1942), *Histórias de Alexandre* (1944), *Infância* (1945), *Dois dedos* (1945), *Histórias incompletas* (1946), *Insônia* (1947), *Histórias verdadeiras* (1951), *Memórias do cárcere* (1953), *Viagem* (1953), *Histórias agrestes* (1960), *Linhas Tortas* (1962), *Viventes das Alagoas* (1962), *Alexandre e outros heróis* (1962), *Linhas tortas* (1962), *Cartas* (1980), *O Estribo de Prata* (1984), *Cartas de amor à Heloísa* (1992) e *Garranchos* (2012).

Graciliano Ramos faz parte da chamada geração de 30, período em que a Literatura Regionalista Brasileira ganhou força. O movimento literário dessa época se formulava de

maneira emblemática em virtude das obras criadas. Nesse período, Graciliano ganhou ênfase por sua linguagem diferenciada, sua escrita se destacava, principalmente, por expressar originalidade.

“Graciliano Ramos traz em *Caetés*, em tom sóbrio e incisivo, a crueldade e o desespero humanos, através de uma visão pessimista deflagrada na infância e que irá marcar a sua literatura de ficção e memória.” (TORRALBO e RAMOS, 2013, p.03). Sua primeira narrativa pôs em evidência sua marca. *Caetés* apresentou uma escrita realista, concisa, com pouco sentimentalismo. Tais características consagraram o nome de Graciliano como um dos maiores romancistas da chamada geração 30, fazendo-o, assim, um escritor singular notável.

Narrado pelo personagem João Valério, *Caetés* (2013) se desenvolve em torno de dois planos narrativos: i) a paixão de João Valério pela esposa de Adrião, chamada Luisa. ii) a tentativa do narrador-personagem em escrever um livro cujo título também é *Caetés*.

Caetés é o livro da cidade, da cidadezinha do interior, com a sua vida alimentada no fuxico cotidiano pelo literato fracassado, pelo marido enganado, pelo farmacêutico sórdido, pelo médico complicado, pelo promotor imbecil, pelo padre ignorante, pelo beberrão, pelas beatas, pelas prostitutas, pelo assassino inocentado e pelas mulheres históricas. Romance de uma sociedade mesquinha, de gente selvagem, ligeiramente polida por uma tênue camada de verniz vista pelo olho irônico do observador. Imagens feias que recriam um ambiente feio e asfixiante, de sossego sufocante, que se alimenta da vida alheia, da mesma forma que os caetés se alimentavam de carne humana. (...) Em *Caetés* encontramos um ambiente que vegeta uma sociedade insignificante, recriada por um dos mais significantes nomes de nossa literatura brasileira. (TORRALBO e RAMOS, 2013, p.03).

A crítica literária confirma o quão notável é a obra gracilista em meio a gama de escritores da geração 30, Graciliano Ramos se destaca, por sua tendência realista, preocupava-se em apresentar a realidade como tal. De acordo com Sodré (1999):

Sua obra é o maior testemunho sobre o povo brasileiro e sua época. Por isso, sua obra é única que, qualitativamente, é superior ao movimento que pertenceu ao momento de grandeza que conheceram, então, as letras brasileiras. É uma obra regional que assume universalidade. É uma obra de seu tempo para todos os tempos. (SODRÉ, 1999, p.81).

Nesse viés, concluímos que em vista do movimento literário da época e da singularidade de estilo do escritor, *Caetés* (2013) se trata de uma obra realista propulsora de um dos maiores ícones que a Literatura Brasileira já teve.

2. A dialetologia e os falares regionais populares

De acordo com estudiosos da área, a Dialetologia surgiu no século XIX com a finalidade de registrar e descrever as variedades linguísticas de cunho regionais. No Brasil, ela teve início com a publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral, *O linguajar carioca* de Antenor Nascentes e *A língua do Nordeste* de Mário Marroquim.

É sabido, ainda, que a língua reflete a diversidade dos grupos sociais que a utilizam, sendo, portanto, uma realidade heterogênea, repleta de variações originárias tanto de influências de ordem interna à própria língua, ou seja, fatores estruturais, quanto de influências externas ou sociais. Logo, uma pesquisa que busca investigar a linguagem regional/popular apresentada em uma obra literária não pode omitir a relação existente entre a tríade língua-cultura-sociedade. Pois, como bem diz a linguista Aragão (1990):

Para se entender a língua é necessário se conhecer o povo que a fala: seus costumes, crenças, tradições, suas histórias de vida enfim. Um estudo de língua feito sem apoio nessa realidade não poderá atingir seus objetivos, por ser artificial, imposto e, conseqüentemente, ineficaz. (ARAGÃO, 1990, p. 19).

Nesse viés, com o propósito de investigar tais variações, a Dialetologia estuda-as por meio de uma perspectiva pluridimensional, ou seja, investiga a relação da variação diatópica com fatores sociais e culturais. Pode-se, assim, inferir que a Dialetologia compreende a língua como um fato social, no qual a relação entre língua, sociedade e cultura é incontestável.

Sobre isso, Câmara Júnior (1965) declara:

A língua é uma representação do universo cultural em que o homem se acha e, como representa esse universo, as suas manifestações criam a comunicação entre os homens que vivem num mesmo ambiente cultural. A língua se apresenta como um microcosmo da cultura. Tudo o que esta possui se expressa através da língua, mas a língua em si mesma é um dado cultural. É fragmento da cultura de um grupo humano a sua língua. A língua é essencialmente a representação de um mundo extralinguístico em que os falantes se movem (CÂMARA JÚNIOR, 1965, p. 48).

Nessa direção, devemos levar em consideração a influência exercida pelo meio social e cultural na manifestação linguística dos usuários da língua. Uma vez que, a língua possui uma forte característica que é a identitária. E, isso é possível porque é através da linguagem que conhecemos a visão de um povo, seus costumes, tradições e crenças. Sendo assim, a língua é capaz de revelar os aspectos da história de um povo, evidenciar suas marcas geográficas, sociais, históricas e culturais, em um determinado espaço geográfico

e num dado momento da realidade. Logo, quando estamos estudando as interfaces da linguagem, estamos analisando, também, a cultura, a região e os valores de um povo.

Assim sendo, a diversidade linguística é algo inerente às línguas vivas. Uma vez que língua, sociedade e cultura constituem uma relação muito íntima. Como bem nos aponta Geraldi (1996, p. 56-57):

A existência de variedades linguísticas é um fato empírico inegável. Habitados, com justiça, a observar as diferenças entre os modos de falar, temos distinguido, pela análise de diferenças formais (marcas), diferentes dialetos sociais ou regionais (GERALDI, 1996, p. 56-57).

É, portanto, nesse contexto de diversidade que a Dialetologia atua, estudando os dialetos e os falares regionais. A respeito do objeto de estudo da Dialetologia, Cardoso (2016), especialista na área, aponta-nos:

Os objetivos da Dialetologia visam (i) descrever, nos espaços geográficos recobertos por uma determinada língua ou por um conjunto de línguas, fatos característicos; (ii) qualificar, do ponto de vista social, as ocorrências registradas e; (iii) examiná-las na perspectiva do tempo a que estão submetidas (CARDOSO, 2016, p. 13).

A autora supracitada destaca, ainda, dois aspectos fundamentais nos estudos dialetais:

De um lado, o reconhecimento das diferenças e das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas. De outro, o confronto entre a presença e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços fixados, importando, para o seu objetivo precípua, tanto a atestação de denominações identificadas na área como a ausência de registros, porque os espaços vazios também informam sobre a língua pesquisada. (CARDOSO, 2016, p.15).

Assim sendo, pode-se afirmar que a tarefa da Dialetologia não é apenas estudar a variação linguística no plano geográfico, mas muito além disso, ela busca investigar as variações nas perspectivas espacial, sociocultural e cronológica. Em outras palavras, nos últimos anos, a Dialetologia vem buscando em suas pesquisas aliar os fatores geográficos aos fatores sociais e culturais.

Sobre isso, Cardoso (2016) discute:

Os estudos dialetais voltam-se, assim, para a identificação, descrição, interpretação e análise dos fatos linguísticos documentados na área investigada. E, nessa busca, interessam as diferenças regionais (diatópicas)

e as diferenças sociais, sejam elas decorrentes da variedade de idade (diageracionais), de sexo (diassexuais) ou de nível sociocultural (diatráticas), entre outras. Para tanto, os fenômenos a serem pesquisados podem ser selecionados no âmbito dos diferentes níveis de abordagem da língua: fonético-fonológico (incluindo-se o prosódico), semântico-lexical, morfossintático, pragmático-discursivo (CARDOSO, 2016, p. 14-15).

E, isso é possível porque “(...) não existe uma língua unificada, porque nenhuma língua é um monobloco indivisível (...)” (CARDOSO, 2016, p. 15). Logo, a Dialectologia se dedica ao estudo dos dialetos e falares regionais por conceber que há uma característica que todas as línguas partilham em comum: a variação.

Diante do exposto, apresentamos no próximo segmento uma análise da linguagem regional-popular em *Caetés* (2013), com base na teoria da Dialectologia e nos pressupostos teóricos da Lexicografia, ciência do léxico responsável por elaborar técnicas para analisar e registrar o léxico de uma língua.

3. Uma análise da linguagem regional popular em Caetés de Graciliano Ramos

A presente análise ressalta as relações intercambiáveis entre a língua, a sociedade e a cultura na obra literária *Caetés* (2013), para assim, levantarmos ao nível do léxico os aspectos léxico-semânticos que representam a realidade física e sociocultural do Nordeste brasileiro. Isso ocorre porque o léxico é um acervo no qual se encontram todas as expressões de uma sociedade, sejam linguísticas, literárias ou culturais.

Dessa forma, analisamos as escolhas lexicais do escritor Graciliano Ramos, em sua obra *Caetés* (2013), com a intenção de identificar vocábulos regionais que se classificam como variações diatópicas. Para tanto, contamos com uma amostra de 08 lexias. Vale ressaltar, que todos os itens lexicais extraídos da obra para a produção do miniglossário, são ancorados naquilo que concebemos por linguagem regional/popular, ou seja, estão fundamentados à luz da Dialectologia e nas ciências que fazem fronteira com ela.

Para organização do glossário regional, o qual foi criado a partir do vocabulário da obra *Caetés* (2013), adotou-se alguns critérios, vejamos:

- As lexias foram apresentadas em letras maiúsculas e em negrito;
- As lexias foram organizadas em ordem alfabética;
- As lexias são apresentadas seguidas de definições conforme pesquisas realizadas em dicionários da língua portuguesa e, em dicionários de linguagem regional/popular;

- As lexias estão destacadas nas abonações da obra analisada, com o recurso do negrito e do itálico.

Cabe destacar, ainda, que a fórmula de verbete que está sendo utilizada para organizar o glossário, foi a fórmula de Faulstich (1995):

+Termo entrada + referência gramatical + indicação de dicionarização + definição ± variantes + contexto de ocorrência + fonte ± notas linguísticas e/ou enciclopédicas.

Todavia, como nosso trabalho analisa lexias e não termos, adaptamos a fórmula original de Faulstich (1995), a qual resultou nessa forma:

Lexia entrada+ referência gramatical + definição ± variantes + nota enciclopédica (significados encontrados nos dicionários) + abonação + fonte da abonação.

AMUADO – Adj. Referente a aborrecimento.

Amuado- Adj. Enfadado, de mau humor, aborrecido. (BECHARA, 2011, p.135)

“Calou-se, *amuado*. Acendeu um cigarro.” (RAMOS, 2013, p.15)

BUGIGANGA – S.f. Objetos de pouca utilidade e valor.

Bugiganga- S. f. traste de pouco valor. (ALMEIDA, 1984, p. 34)

“E aproveitando um momento em que a Teixeira escolhia *bugigangas* num bazar (...)” (RAMOS, 2013, p.62)

CLAUDICANCO – Claudicar –V. Aparenta imperfeição

Claudicar- V- 1. Capengar, mancar. 2. Ter defeito, imperfeição; falhar. 3. cometer falta; errar. (HOUAISS, 2012, p.170)

“Retirou-se *claudicando*, a amaldiçoar os médicos.” (RAMOS, 2013, p.18)

DESEMBESTADO – desembestar – V. Ato de correr com muita pressa.

Desembestado– desembestar – V. correr em disparada, desabaladamente. (ALMEIDA, 1984, p. 68)

“Que diabo tem aquele povo a correr *desembestado*? (RAMOS, 2013, p.101)

ESTOPADA – S.f. Coisa desagradável.

Estopada - S.f. - 1. Maçada. Coisa maçante, desagradável, a que se está obrigado a assistir. 2. Logro, negócio mal feito. (CABRAL, 1982, p.369)

“Bem, devia estar acordado, decidi consultá-lo. Voltei ao quarto, mudei a roupa e saí, satisfeito por ter achado um pretexto para abandonar aquela *estopada*.” (RAMOS, 2013, P. 22)

MAROTEIRAS – maroto – adj. Relativo à esperteza, malandragem.

Maroteiras – maroto – adj. 1. Que é cheio de maronhas; esperto, ladino, vivo, malandro. 2. Que revela pouca honestidade ou lisura; tratante, trapaceiro, velhaco. 3. Malicioso, travesso, brejeiro. (BECHARA, 2011, p.830)

“– É isto mesmo. Não vivo com saltos de pulga, ninguém encontra em mim rabo de palha. Amigo de todos, mas com seriedade, sem *maroteiras*.” (RAMOS, 2013, p.92)

MIXÓRDIA – S.f. Situação confusa, atrapalhada.

Mixórdia - S.f. 1. Mistura confusa de coisas, 2. Situação ou fato atrapalhado; desentendimento. (HOUAISS, 2012, p.526)

“– Crentes? Exclamou Pascoal. Então o Neves é crente?

– Com certeza. Não é o chefe dessa *mixórdia*?” (RAMOS, 2013, p. 05)

PULHA – S.f. Alguém que é mau-caráter, canalha.

Pulha - S.f 1. Ato ou comportamento de quem é mau-caráter; canalhice. 2. Pessoa que não tem caráter; canalha; patife. (BECHARA, 2011, p.1045)

“– E quais são os saltos de pulga? Quais são as maroteiras que um *pulha* de sua laia descobriu...” (RAMOS, 2013, p.92)

Considerações finais

Ao realizarmos a análise do léxico da obra literária em estudo, sob os pressupostos da Dialetoлогия, é possível observarmos uma linguagem regional-popular própria do Nordeste do Brasil, o que pode ser legitimado, sobretudo, pela sua presença em dicionários populares ou em dicionários da língua geral que trazem essas lexias consideradas como sendo de uma determinada região do país. Com isso, percebemos que não se trata de um simples vocabulário ou de uma simples maneira de falar, mas, sobretudo, compreendemos que o registro da linguagem regional-popular, seja através de obras literárias, seja através de glossários e dicionários, trata-se de uma forma de refletir o modo de vida, as crenças, o conhecimento de mundo e as questões culturais arraigadas na realidade sociocultural de um povo.

Através da criatividade e originalidade de Graciliano, foi possível perceber o quão grandiosa sua obra é em regionalismos. Seu estilo literário evidencia a língua falada do

povo nordestino, evidencia seus hábitos, costumes, ideologias e cultura. Nessa direção, a elaboração desse miniglossário permite-nos contemplar e conhecer um pouco do patrimônio linguístico-cultural que é o léxico do povo nordestino.

Referências

ARAGÃO, M.S.S. **A linguagem regional popular na obra de José Lins do Rego**. João Pessoa-PB: FUNESC, 1990.

ALMEIDA, H. **Dicionário popular paraibano**. Campina Grande: Grafset, 1984.

BIDERMAN, M.T. **Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BECHARA, E. **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa** / Evanildo Bechara (organizador). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

CABRAL, T. **Novo dicionário de termos e expressões populares**. Fortaleza: UFC, 1982.

CAMARA JR. **Antenor Nascentes e a filosofia brasileira**. São Paulo: Vozes, 1965.

CARDOSO, S. A. Dialetoлогия. IN: MOLLICA, M. C. JUNIOR, C. F. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016.

GERALDI, J. W. **Linguagem e Ensino – exercícios de militância e divulgação**. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1996.

RAMOS, G. Caetés [recurso eletrônico] / Graciliano Ramos. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SODRÉ, N. W. **Literatura e história no Brasil contemporâneo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.